

Considerações sobre o Conceito de Sutura – Carlos Adriano Sippert

0 - Introdução

O conceito de *sutura*, popularizado entre os teóricos do cinema por Jean-Pierre Oudart(1977), refere-se a um sintético texto de Jacques-Alain Miller (1965/1979), *A Sutura: elementos da lógica do significante*.

Considerado por muitos como um texto árido (posto que nele se entrelaçam diferentes campos tais como a matemática, lógica, filosofia e psicanálise), objetivamos com esse escrito retomar tanto a data como o local de seu nascimento: o *Seminário 12* de Jacques Lacan (1964-65/2008). Esperamos com esse esforço lançar novas luzes sobre este polêmico conceito.

1 - Contexto Histórico

O *Seminário 12* é, de certa forma, atípico. Começando por seu nome. Inicialmente, antes de seu início efetivo, o seminário foi anunciado como *As Posições Subjetivas*. Lacan, porém, reconsiderou tal alcunha e rebatizou-o como *Problemas Cruciais para a Psicanálise*

Retomando diversas elaborações sobre o significante, propondo interrogações sobre o nome próprio, dialogando com a linguística, matemática e com a filosofia, o psicanalista também retoma noções da topologia — introduz, sobretudo, a garrafa de Klein em seu ensino.¹ O norte deste passeio por diversos saberes tem como força motriz seu esforço de transmitir aquilo que poderia ser adjetivado como o eixo central da experiência analítica. Assim, suas lições são acompanhadas de uma perene interrogação sobre a própria práxis. Dentre essas, há um esforço significativo de retomar o campo da lógica e da linguística para daí engajar-se na tarefa de traçar considerações sobre sua própria noção de significante.

Seguindo este fio, Lacan reelabora a estrutura de seus seminários. Demonstrando preocupação referente à forma que suas palavras estavam sendo escutadas por aqueles que o acompanhavam, o analista francês propõe uma nova dinâmica para os encontros: cada última quarta-feira do mês, os seminários seriam “fechados”. Nestes, a palavra iria circular. Aqueles interessados em trabalhar com maior profundidade alguma questão pontual poderiam publicizar sua produção. O texto de Jacques-Alain Miller (1965/1977) surge como resultado desse exercício.

Adjetivar o encontro como *fechado* presumia a existência de algum instrumento que separasse àqueles que estão dentro dos que ficariam de fora. Assim, Lacan condicionou que os interessados comunicassem seu interesse a ele por escrito. Dessa forma, tornou-se possível aplicar determinada seletividade àqueles que iriam participar de tais sessões. A apresentação de Miller teve curso em um desses seminários fechados. A ideia inicial era que as considerações sobre a *sutura e a lógica do significante* fossem apresentadas na sequência de uma introdução ao campo da lógica realizada por Yves Duroux. Lacan, porém, não aceita esta proposta e segmenta a sessão em duas partes. O texto que conhecemos baseia-se apenas do segundo momento; ou seja, há a presunção de que os leitores já tivessem acesso às noções compartilhadas por Duroux.

Este é o contexto de nascimento do contexto retomado por Oudart (1977/78). Um momento de calorosa discussão; de reestruturação da dinâmica dos seminários de Lacan; de tensionamento de determinadas conceitualizações já preestabelecidas; de distribuição de convites que marcavam aqueles que estavam dentro e fora; de retomada do próprio estatuto do sujeito.

1.2 - A Introdução de Yves Duroux

Retomemos então alguns dos pontos principais que antecederam a apresentação sobre a sutura.

Duroux é objetivo já em sua primeira fala; o interesse de seu trabalho assenta-se em três perguntas: o que faz um número ser um número; o que permite o estabelecimento de uma sequência numérica (sucessor) e o que constitui o zero enquanto número natural. Para promover esse questionamento, Yves irá partir tanto dos axiomas de Peano quanto às elaborações de Frege (1884/1983) em seu *Os fundamentos da Aritmética*.

2.2 - Conotação e Denotação

Lacan, retomando Frege e Stuart Mill, volta a esta questão ao refletir sobre as funções do nome próprio enquanto denotação ou conotação. Habitualmente definimos a conotação como uma construção no nível da metáfora e a denotação como uma elaboração *literal*.

Utilizemos as seguintes frases como exemplo: *A fazendeira soltou os cachorros para se exercitarem* e *A fazendeira soltou os cachorros nos representantes comerciais que tentavam lhe vender agrotóxicos*. Nestas frases específicas temos, respectivamente, uma denotação e na segunda uma conotação. Na primeira, *soltar os cachorros* implica uma ação literal; conseguimos imaginar a fazendeira abrindo uma portinhola e soltando os animais no pátio. Na segunda, por sua vez, já há uma construção metafórica: *soltar os cachorros* indica algo da ordem de um xingamento. Um detalhe importante: substituindo *cachorros* por *bois* na primeira frase não há perda total de sentido quando olhamos o contexto geral — *A fazendeira soltou os bois para se exercitarem*. Já na segunda, efetivar a mesma substituição compromete a compreensibilidade da sentença: *A fazendeira soltou os bois nos representantes comerciais*. A única representação possível para a última sentença é de que a fazendeira *de fato* soltou os bois em cima dos representantes.

A argumentação de Lacan parte desse mesmo princípio. Criemos outro exemplo.

Imaginemos um grupo de 30 alunos estudantes de química. O conjunto formado por esses 30 alunos pode ser definido como *um aluno, dois alunos, três alunos*. Isto conota na medida em que cada elemento pode vir a ser substituído pelos demais e o agrupamento de todos define a propriedade do conjunto; no caso *estudantes de química*. Explicaremos isso mais adiante. Cada um dos integrantes do conjunto, nessa lógica, *pode vir a faltar*, pode ser substituído por outro sem comprometer a propriedade que define o conjunto *estudantes de química*. Por outro lado, se definirmos um conjunto pontuando que o grupo de estudos dos estudantes de química é composto de 30 alunos: o João, a Maria, o José... Cada um dos alunos se transforma em único; a falta de um deles não pode ser substituída pelos demais; dizer: *o estudante de química João* não é o mesmo que dizer *a estudante de química Maria*.

Restam as seguintes perguntas: como o exemplo dos alunos se relaciona com o exemplo da fazendeira? O que isso tem a ver com linguagem metafórica e literal? O que isso tem a ver com o número zero?

2.3 - O Zero

A questão do zero e sua relação com os números naturais pode agora ser retomada sob outro prisma. Posto que o sucessor de um número é sempre ele mesmo mais um e que o zero é um número natural temos a seguinte questão:

Suponha que, tal como as carteiras do exemplo passado, criemos posições para cada um dos elementos do conjunto dos números naturais: $P_1, P_2, P_3 \dots$

Sendo o conjunto dos números naturais = $\{0,1,2,3,4\dots\}$, sobrepondo-os, teremos: $\frac{\square 1}{0}, \frac{\square 2}{1}, \frac{\square 3}{2} \dots$ Ou seja, o zero tornou-se o primeiro elemento. Inserindo o zero enquanto conjunto vazio dentro do próprio conjunto ele passa a existir enquanto *objeto* numerável quando sobreposto por um conjunto que define uma posição. Esta operação sobre o 0 dentro de uma cadeia sucessória é o que Miller irá denominar de sutura.

3 - Uma Provocação

Posta essa introdução, vamos ao texto sobre a sutura. Miller (1965/1979) inicia sua exposição com a seguinte citação de Freud (1933/2010): *Mas tivemos de perceber, e proclamar como nossa convicção, que ninguém tem o direito de intervir numa discussão da psicanálise se não adquiriu determinadas experiências, que apenas mediante a própria análise podem ser adquiridas.* (p. 209). Na sequência, o genro de Lacan adota uma postura provocativa para com seus ouvintes:

A propósito de vocês, também me coloco uma questão que é um dilema. Se, transgredindo os interditos, é de psicanálise que vou falar, sem que a isso tenha direito; se vão ouvir alguém absolutamente incapaz de fazer esta exposição na qual deveriam confiar, o que fazem, então, aqui? Ou, se meu assunto não é psicanálise, vocês que vêm fielmente a esta sala, para ser regularmente entretidos com problemas relativos ao campo freudiano, mais uma vez, o que fazem então aqui? (Lacan, 1964-65, p. 162)

Esta provocação não é um disparate. Miller parece compartilhar o desconforto de Lacan com o fato dos analistas centrarem suas discussões por demais no seio das comunidades analíticas. Ele relança a ideia lacaniana de manter significativa permeabilidade em outros campos, sustentando uma oposição ao conhecido hermetismo lacaniano.

3.1 - Sutura

Miller, durante seu texto, é específico: não pretende *elucidar* a utilização que Lacan faz para esta palavra². Para entender sua proposta, no entanto, precisamos, além da revisão já

²Esta exposição serve para articular o conceito de sutura não referido como tal por Jacques Lacan, se bem que a todo instante presente em seu sistema. (Miller, 1965/79, p.212)

efetuada, retomar algumas premissas oriundas do estudo da lógica; principalmente a teoria do matemático Frege.

A importância de Frege tende a ser negligenciada no meio “lacaniano”³. Encontramos referências diretas ao logicista alemão desde seu quarto seminário⁴ até seu vigésimo seminário⁵. Isso sem contar as inúmeras e costumeiras citações indiretas que compõem o estilo do psicanalista francês. Utilizando Frege, Lacan encontra uma forma de retirar certo empirismo psicologicista que insistia em firmar na experiência e no condicionamento os pilares que constituem o sujeito.

Seguindo sua exposição, Miller passa a retomar duas elaborações fundamentais na obra de Frege: *conceito* e *objeto*. Retomemos essas definições.

Frege postula uma divisão entre duas categorias não opostas: objeto e conceito. Estes dois elementos existiriam de forma imanente e não platônica. A ideia de conceito não se refere à *imagem arquetípica* do objeto ou a uma projeção imaginária de uma forma perfeita. Conceito e objeto se relacionam de forma que um não existe sem o outro. Pensemos no objeto árvore por exemplo. O conceito árvore é intrínseco ao próprio objeto árvore. Para Frege, uma oposição entre um *conceito árvore* e um *objeto árvore* resultado do contato no mundo sensível não existe. Este comentário é necessário para limparmos uma tendência ao platonismo muito característico do psicologismo. Quando falamos em conceito e objeto não estamos falando de representação. O conceito é aquilo que acrescentamos de não sensível ao objeto, mas que nos permite ver. O conceito é aquilo que subsume o objeto.⁶ É essa noção que permitirá Miller afirmar que *o objeto é definido apenas por sua propriedade de cair sob um conceito*. (Lacan, 1964-65/2008, p. 163). Podemos pensar também o conceito, tal como Frege postula⁷, como uma função matemática. Este pensamento permite ao conceito ser dotado de insaturabilidade; isto é: infinitos termos podem por ele ser subsumidos. Se o conceito existe como função, o objeto existe como argumento da função. Podemos exemplificar isso retomando algumas noções matemáticas sobre a função. Suponhamos a seguinte:

⁶para Frege um conceito que subsume um objecto não é nunca como que uma reduplicação desse objecto, como um modelo (arquetipo) ou imagem ideal contemplada pela inteligência. Para Frege, uma das suas ideias mestras na teoria do conceito, este não é feito de objectos, mas das suas notas características. Essas notas características do conceito são precisamente as propriedades do objecto. Como se vê, não se trata de dois mundos, mas de um só mundo, embora constituído por partes: objectos e funções. (Soares, 2000, p.11)

⁷um conceito é uma função cujo valor é sempre um valor de verdade (Soares, 2000, p.8)

$$f(x) = 2x + 3$$

Para qualquer argumento que for colocado no lugar de x , existirá um resultado diferente. O número de valores que podemos colocar no lugar de x é infinito, logo insaturado.

No campo da linguagem, podemos encontrar uma analogia. Imaginemos a seguinte sentença:

Ser amada por

Esta estrutura linguística torna-se uma função.⁸ Ela é destituída de seu argumento. *Ser amada por* admite diversas possibilidades de argumento. Assim:

Se da linguagem retirássemos todas as expressões que referem objectos nomes próprios, frases completas designatórias, — e ficássemos apenas com as expressões incompletas — predicados, expressões relacionais e funcionais e as conexões (Gedankengefüge), obteríamos como que o esqueleto visível, expresso, da própria estrutura formal, lógico-linguística do pensamento. (Soares, 2000, p.1)

Seguindo a apresentação de Miller, ele pontua como que aquilo que cai sob o conceito, o objeto, cai somente como um⁹: cada uma das operações no nível de verdade que permitirá com que o conceito subsuma o objeto se dará elemento por elemento. Assim que cada um desses objetos são subsumidos pelo conceito, temos a possibilidade de uma contagem, de estabelecer uma numeração.

Podemos utilizar uma imagem para entender essa elaboração. Certa vez, durante uma festa infantil, acompanhei a apresentação de um mágico. Munido de uma varinha e um enigmático saco feito de pano, o artista afirmava para as crianças que estavam a sua volta possuir uma *cartola mágica*. Posicionando o chapéu em cima de uma mesa, ele informa e solicita aos pequenos que o rodeavam: — *minha cartola é especial! Cada vez que eu coloco a mão dentro dela, aparece um animal diferente... mas preciso da ajuda de vocês; sempre que for um gato me avisem e irei colocar eles aqui nesse saco...* Então o mágico começou a retirar um a um diversos animais feitos de pelúcia de sua cartola. Cada vez que um gato era identificado pelas crianças elas gritavam e, ato contínuo, o animador colocava o brinquedo

⁸Um conceito ou uma função é, portanto, introduzido por um predicado ou por uma expressão funcional, expressões incompletas, que portanto não realizam o ato de designar, referir, tal como os nomes próprios. (Soares, 2000, p.17)

⁹o que cai sob o conceito não é a coisa como tal, mas somente a coisa como uma (Lacan, 1964-65/2008, p. 165)

dentro do espaço a ele destinado. Sempre que fazia isso, estabelecia uma contagem em voz alta — 1, 2, 3.

O que temos nessa cena? Os elementos, tirados um a um, eram comparados ao conceito de *gato* (que se constitui por um conjunto de propriedades tais como *possuir quatro patas, ter bigode, ser fofinho* etc) pelas crianças. Cada vez que um dos elementos passava nesse *teste no campo da verdade*, ele assumia uma *identidade*¹⁰ frente ao conjunto gato: cada uma das pelúcias que eram identificadas como gato, tornavam-se assim *idênticas ao conceito gato e, em uma segunda operação, passível de ser numeradas*.

Neste ponto do escrito podemos retornar ao exercício lógico proposto no tópico 2.1 sobre os números naturais. Digamos que o mágico de nossa história tirasse não pelúcias, mas números naturais aleatórios de sua cartola. Digamos que as crianças fossem solicitadas a gritar quando um número aparecesse. Digamos que, por um passe de mágica, o primeiro número que sai do chapéu é o zero. As crianças evidentemente gritariam e o apresentador, ato contínuo, colocaria o zero no saco a ele destinado proferindo o número um. É em volta desta questão sobre a nomeação do número em Frege interessa Miller: *O número como nome não é mais então o nome unificante de uma coleção, mas o nome distintivo de uma unidade* (Lacan, 1964-65/2008, p. 165).

O número 0 torna-se de interesse especial justamente por sua particularidade de *não ser idêntico ao conceito de número* (de não ser idêntico a si mesmo). Isto retoma aquilo que chamamos de dupla propriedade que acontece com o número zero quando perguntamos *quantos números existem em que $1 = 2$* ? É essa operação lógica que permite com que o zero passe a contar como um que Miller afirma ser *o que se sutura no discurso lógico* (Lacan, 1964-65/2008, p. 167). O zero se torna assim a escritura de um impossível de ser representado. O número 1 só é possível nessa passagem em que o zero passa, de forma axiomática como vimos no tópico 2, a ser um objeto subsumido por um conceito.

A sutura então pode ser definida como essa operação em que algo *não idêntico a si mesmo* (o zero enquanto não sendo propriamente um número por representar um conjunto vazio) assume um valor de *identidade* em um conceito. Resta a pergunta: e o significante?

¹⁰ *Quanto à posição da unidade distintiva, deve situar-se o seu fundamento na função da identidade que, conferindo a todas as coisas do Mundo a propriedade de serem unas, realiza a sua transformação em objetos do conceito (lógico)* (Miller, 1965/79, p.216)

3.2 - Significante

Miller pontua na segunda parte de sua exposição: *A relação do sujeito com o campo do Outro — por que agora colocamos as cartas na mesa —, a relação do sujeito com esse campo nada mais é que a relação matricial do zero com o campo da verdade* (Lacan, 1964-65/2008, p. 170). O que essa afirmação contundente significa?

Primeiro precisamos retomar uma premissa básica e repetida insistentemente no ensino de Lacan: *um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante*. Isso situa o sujeito como excluído do próprio significante que foi elevado como seu representante (ou *lugar-tenente* (Miller, 1965/1979, p.212). Por isso podemos afirmar que *o nascimento do sujeito pode ser referido a anterioridade do significante* (Lacan, 1964-65/2008, p. 170). Estando anterior, ele se torna o zero enquanto conjunto vazio que, ao presentificar-se na cadeia, somente o faz por promover uma sutura que, tal como o zero resultado da enumeração do conjunto dos números naturais, o torna um.

REFERÊNCIAS

Cardoso, M. (2010). Lacan e Frege: sobre o conceito de Um. *Psicologia USP*, 21(1), 127-144. doi: 10.1590/S0103-65642010000100007

Duroux, Y. (1966). *Psychologie et logique: Cahiers pour l'analyse. Cercle d'Épistémologie de l'E.N.S.*: vol 1-2.

Frege, G. (1983) *Fundamentos da Aritmética* (L. H. Santos, Trad.). São Paulo: Abril Cultural, (Trabalho original publicado em 1884).

Freud, S. (2010) *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (P. C. Souza, Trad., V. 18, pp. 123-354) *In S. Freud, Obras completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2010 v.18 (Trabalho original publicado em 1933).

Dor, J. (2003). *Introdução à leitura de Lacan* (C. E. Reis & C. Corbisier, Trad.). São Paulo: Artmed (Trabalho original publicado em 1989).

Lacan, J. (1978). *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In J. Lacan, *Escritos* (I. Oseki-Depré, Trad., pp. 253-259). São Paulo: Perspectiva (Trabalho original publicado em 1957).

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda* (M. O. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1972-73).

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1956-57).

Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 12: os problemas cruciais da psicanálise*. Publicação interna CEF (Trabalho original publicado em 1964-65).

Lacan, J. (2008b) *O seminário livro 16, De um Outro ao outro* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1968-69).

MILL, J(1991). *System of logic*. London: John Parker, v.1 (Trabalho original publicado em 1853)

Miller, J. (1979). A Sutura: elementos da lógica do significante. In J. Miller, *Estruturalismo: antologia de textos* (M.E.R.C, Trad., pp. 211-224). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1965).

Oudart, J. (1977). Cinema and Suture. *Screen*, 18 (4), 35–47.

Russell, B. (2006). *Introdução à Filosofia da Matemática* (A. J. F. Oliveira). São Paulo: Evora. (Trabalho original publicado em 1919).

Soares, L. (2000). *Conceito e Sentido em Frege*. Porto: Campo das Letras.

Xinran. (2010). *As Filhas sem Nome* (C. Chang, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 2007).